



Diversidade social na escola: estudantes de escolas públicas em Uberlândia¹

Social diversity in school: public school students in Uberlândia

Diversité sociale à l'école: des élèves des écoles publiques d'Uberlândia

Cristiane A. Fernandes da Silva²
Universidade Federal de Uberlândia

Gustavo Gabaldo Grama de Barros Silva³
Universidade Federal de Uberlândia

Marili Peres Junqueira⁴
Universidade Federal de Uberlândia

Luciano Senna Peres Barbosa⁵
Universidade Federal de Uberlândia

Claudia Wolff Swatowski⁶
Universidade Federal de Uberlândia

Resumo: O olhar sociológico sobre o fenômeno educação é caudatário da dinâmica das práticas sociais contemporâneas, cuja marca é a diversidade social. Com o objetivo de desnaturalizar as evidências aparentes, este estudo parte de um mesmo ambiente: escola pública de Ensino Médio de Uberlândia-MG, onde *a priori* vige um perfil discente padrão, e busca, por meio de um diagnóstico socioeconômico, identificar suas idiosincrasias para além de suas similaridades. Visando identificar as nuances de perfis dos jovens, apoiou-se na estratificação da amostra por região geográfica da cidade. Com base nos resultados da pesquisa quantitativa sobre as variáveis idade, sexo, etnia, religião, renda e trabalho, revelam-se sentidos diversos sobre as dimensões econômicas, sociais e culturais dos jovens estudantes.

Palavras-chave: Ensino Médio. Escola Pública. Estudantes. Perfil socioeconômico. Diversidade.

¹ Financiamento da pesquisa: Fapemig

² Doutora em Sociologia pela Universidade de São Paulo (USP). Docente do Instituto de Ciências Sociais da Universidade Federal de Uberlândia (Incis/UFU). *E-mail:* crisafas@alumni.usp.br. *Lattes:* <http://lattes.cnpq.br/8911115844059985>. *ORCID:* <https://orcid.org/0000-0002-9704-4717>.

³ Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Uberlândia (PPGCS/Incis/UFU). *E-mail:* gustavograma97@gmail.com. *Lattes:* <http://lattes.cnpq.br/9249273752780357>. *ORCID:* <https://orcid.org/0000-0003-0540-9457>.

⁴ Doutora em Sociologia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho - Campus de Araraquara/SP (Unesp). Docente do Instituto de Ciências Sociais da Universidade Federal de Uberlândia (Incis/UFU). *E-mail:* marili.junqueira@gmail.com. *Lattes:* <http://lattes.cnpq.br/5948736445694004>. *ORCID:* <https://orcid.org/0000-0003-1406-8113>.

⁵ Doutor em Antropologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Docente do Instituto de Ciências Sociais da Universidade Federal de Uberlândia (Incis/UFU). *E-mail:* lsenna@ufu.br. *Lattes:* <http://lattes.cnpq.br/1347350662277919>. *ORCID:* <https://orcid.org/0000-0002-0805-2847>.

⁶ Doutora em Ciências Sociais pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Docente do Instituto de Ciências Sociais da Universidade Federal de Uberlândia (Incis/UFU). *E-mail:* swatowski@ufu.br. *Lattes:* <http://lattes.cnpq.br/1860265209152252>. *ORCID:* <https://orcid.org/0000-0002-3698-0261>.

Abstract: The sociological perspective on the educational phenomenon relies on contemporary social practices, which in its turn, is distinguished by social diversity. Aiming to modify the visible evidences, this study starts in the same environment: the public High Schools in Uberlândia-MG, where is found a supposedly homogenous student's profiles, and search, through a social economic diagnosis, to identify their idiosyncrasies besides its similarities. In order to identify the nuances of young people profiles, the study was based on stratifying the sample by geographic region of the city. From the results of the quantitative research on the variables age, sex, ethnicity, religion, income and work, different meanings about the economic, social and cultural dimensions of young students are revealed.

Keywords: High School. Public school. Students. Socioeconomic profile. Diversity.

Resumé: Le regard sociologique du phénomène de l'éducation observe la dynamique des pratiques sociales contemporaines, dont la marque est la diversité sociale. Dans le but de dénaturiser les preuves apparentes, cette étude part du même environnement: le lycée public d'Uberlândia-MG, où, a priori, il y aurait un profil d'élève standard, et cherche, à travers un diagnostic socio-économique, à identifier ses particularités au-delà leurs similitudes. Afin d'identifier les nuances des profils des jeunes, il s'est appuyé sur la stratification de l'échantillon par zone géographique de la ville. À partir des résultats de l'enquête sur les variables âge, sexe, l'ethnie, religion, revenu et travail, différentes significations sur les dimensions économiques, sociales et culturelles des jeunes lycéens sont révélées.

Mots-clés: Lycée. École publique. Élèves. Profil socio-économique. Diversité.

Recebido em: 04 de junho de 2020

Aceito em: 22 de julho de 2020

Introdução

Pensar sobre as características dos sujeitos jovens, que constituem o ambiente das escolas públicas da cidade de Uberlândia, é o foco deste artigo. Para tanto, baseia-se em um pressuposto fundamental: a existência da diversidade, a despeito dos clichês que rotulam esses jovens em uma categoria homogênea.

A pujança analítica sobre um fenômeno ou uma categoria social se constrói com base nos vários aspectos que o alicerçam. Nesse sentido, é inexorável desprender-se de uma abordagem unívoca, dadas as suas limitações e parcialidades em termos de representação de sentidos.

Na abertura de seu artigo, intitulado *Diversidade cultural e cosmopolitismo*, Ortiz profere as seguintes palavras: “O debate sobre a diversidade cultural se faz hoje sob o signo de uma contradição aparente. Afirmam-se simultaneamente conceitos que muitas vezes parecem ser excludentes: integração/diferença, globalização/localização” (ORTIZ, 1999, p. 73, grifo nosso). O autor sublinha que certos analistas de marketing preconizam “a existência de um

planeta homogêneo, unidimensional, unificado apenas pelos vínculos da sociedade de consumo” (*idem*). Nessa visão, os indivíduos se comportam igualmente nas várias esferas da sociedade: alimentação, vestuário, entretenimento, compras, deslocamento pela cidade. Como contracorrente, Ortiz ressalta a perspectiva dos representantes dos movimentos étnicos, cuja postura reside em fortalecer as identidades locais, afastando-as das ameaças de unificação. É nesse veio teórico que será conduzida a presente análise.

Com vistas a assinalar a diversidade que permeia os jovens estudantes de escolas públicas da cidade de Uberlândia, parte-se de uma pesquisa quantitativa, cujo instrumento de coleta de dados é o questionário *a priori* elaborado para apontar as similaridades entre os indivíduos, todavia, cuja análise de resultados também acena para traços heterogêneos.

O *corpus* do artigo estrutura-se em três partes. A primeira aborda noções sobre juventude, sujeito, escola, sociabilidade e desigualdade social, elaboradas pelos autores Pais (1990), Charlot (1996), Dayrell (2011) e Bourdieu (2007). A segunda traz os procedimentos metodológicos adotados na pesquisa empírica. E a última parte analisa os perfis dos jovens estudantes, por meio das variáveis idade, sexo, etnia, religião, renda e trabalho, estratificando-as por região geográfica da cidade.

Vertentes analíticas sobre o tornar-se jovem e discente

A tendência de naturalizar as categorias juvenil e discente, atribuindo-lhes realidade previamente elaborada e universal, dificulta as relações sociais travadas entre as diferentes gerações e segmentos profissionais no ambiente escolar. Jovem e discente derivam de uma “construção social”, o que significa carregarem consigo realidades e sentidos próprios, imperiosos para se estabelecer vínculos nas relações sociais, sentidos que não podem ser prescindidos. Compartilhando da vertente de Pais (1990), antagônico à corrente que toma a juventude como objeto e a encerra em uma categoria social “unitária” (presa a uma “fase da vida”), o presente estudo parte da tarefa empenhada à Sociologia da Juventude de perscrutar não somente as “similaridades entre jovens ou grupos sociais de jovens (em termos de situações, expectativas, aspirações, consumos culturais, por exemplo), mas também – e principalmente – as diferenças sociais que entre eles existem” (PAIS, 1990, p. 140).

Nesses termos, fundamenta-se no pressuposto analítico que sinaliza, ao mesmo tempo, um amplo espectro de elementos e de práticas sociais e simbólicas dentro da categoria sociológica “juventude”, podendo ser dependentes ou não do rótulo geracional “fase da vida”, aportando assimilações ou derivações de outras esferas da sociedade, além da etária, tais como:

econômica, política, cultural, familiar, religiosa, de gênero, educacional etc. (PAIS, 1990, p. 140-142). No âmbito escolar, soma-se a isso a perspectiva de Dayrell: “O cotidiano escolar torna-se um espaço complexo de interações, com demarcação de identidades e estilos” (2011, p. 25).

Para capturar as características do diverso, a primeira condição é afastar-se do aparente padrão, homogêneo, por sua vez indefensável no campo social, por ser constituído, em grande medida, por contrastes e, em menor medida, por semelhanças. É imprescindível levar em linha de análise a “singularidade das histórias”, pois a despeito de o indivíduo ser um produto social, ele também “se constrói como sujeito” (CHARLOT, 1996, p. 49).

Do ponto de vista da governabilidade, a defesa pela “igualdade” como uma máxima da democracia coloca-se como estratégia para ocultar a desigualdade provocada eminentemente pela má distribuição de rendas. No âmbito da Educação, notadamente na leitura de Bourdieu (2007), tratar igualmente os desiguais implica favorecer os favorecidos e desfavorecer os desfavorecidos.

É justamente com base em Pais (2003) e em Dubet (2006), que Dayrell e Reis (2007, p. 120) indicam como, alicerçados nos processos de desinstitucionalização – que implicam a transformação das formas de socialização próprias às instituições modernas – abrem-se novas possibilidades de construção das identidades juvenis nos espaços escolares. Assim, é nesse contexto social que se observa tanto uma tensão duplicada entre ser aluno e ser jovem quanto a existência de distintos modos de representações e posturas frente à escola por parte desses sujeitos (DAYRELL; REIS, 2007, p. 121).

Assumindo a análise sociológica de desconstruir o senso comum e de desnaturalizar as evidências aparentes, o objetivo desta pesquisa é partir de um mesmo ambiente escolar público de ensino básico, onde supostamente se instalariam um único perfil discente, e tentar, por meio de diagnóstico socioeconômico, acessar e identificar além de suas similaridades, as suas diferenças também.

Nesse passo, toma-se aqui como norte teórico o conceito de juventudes no plural, abordado por Pais (1990, p. 149), para se observar os estudantes em seus aspectos que os singularizam e não somente aqueles que os uniformizam.

Procedimentos metodológicos

A base empírica desta pesquisa derivou de um projeto coletivo, financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (Fapemig), intitulado “Jovens em trânsito: novos desafios para o Ensino de Sociologia”, composto por docentes-pesquisadores e

por discentes do Instituto de Ciências Sociais (Incis) e por técnicos da área da Computação, todos da Universidade Federal de Uberlândia.

Os locais da pesquisa de campo foram escolas estaduais de Ensino Médio de Uberlândia, Minas Gerais, com cobertura nas cinco regiões da cidade: norte, sul, leste, oeste e centro. Embora a pesquisa conte com mais de uma escola por região, foram selecionadas aqui apenas uma escola representativa para cada região, tendo como critério sua maior distância em relação ao centro da cidade. Esse parâmetro parte da premissa de que escolas mais distantes do centro teriam possibilidades ampliadas de oferecerem dados mais heterogêneos.

A coleta de dados foi realizada em 2018, nos primeiros e terceiros anos dos três turnos, com cerca de mil questionários autoaplicados, contendo questões de cunho quantitativo. Suas variáveis contemplavam, basicamente: idade, sexo, etnia, renda, trabalho e religião, além de outras que não serão tratadas aqui. As cinco escolas selecionadas para este artigo totalizam 463 questionários.

Dadas as particularidades dos métodos quantitativos, observa-se uma definição rigorosa da amostra e das variáveis selecionadas, visando medir, estatisticamente, as dinâmicas entre os diversos fatores que implicam as configurações da juventude estudantil da cidade de Uberlândia. Apesar do foco da pesquisa quantitativa se voltar para as propriedades de generalização e de apreensão de domínios macrosociais (RICHARDSON, 1985, p. 30), buscase aqui, simultaneamente, uma análise dos casos limites, das múltiplas origens sociais e das práticas culturais dos estudantes. Mesmo em uma pesquisa essencialmente quantitativa, “não importa quão precisas sejam as medidas, o que é medido continua a ser uma qualidade” (GOODE; HATT, 1977, p. 38). Ou seja, estudos estritamente quantitativos, incluindo os sociológicos, medem valores que envolvem particularidades e características dos agentes sociais em constante interação.

Dos indicadores aos sinalizadores de perfis dos jovens estudantes por área geográfica

1 – Estudantes da zona leste: a presença marcante de afrodescendentes

A escola da zona leste de Uberlândia possui um corpo discente majoritariamente feminino, com 52,5% de mulheres e 47,5% de homens, tendo a maior parte entre 15 e 17 anos de idade.

No perfil religioso, esses alunos são, preeminentemente, evangélicos: 42,4%, sucedidos por católicos, com 34,3%, na sequência estão os “sem religião”, 17,2%, e residualmente, os espíritas com 3% e os praticantes da umbanda ou do candomblé com apenas 1%.

Etnicamente são constituídos por uma maioria parda (44,4%), em seguida, os estudantes brancos/caucasianos (24,2%), depois os negros (22,2%) e o restante (9,2%) é composto por indígenas, asiáticos ou “não sei”. Essa escola tem o maior número de estudantes auto identificados como negros. A pergunta do questionário sobre etnia passou pelo crivo da autodeclaração dos próprios alunos, havendo as opções elencadas acima. Todavia, trata-se de uma das indagações na qual os respondentes encontram grandes dificuldades em assinalarem. Inclusive, por meio de observações diretas e por contraste acerca de suas etnias, os entrevistadores perceberam certa resistência de auto reconhecimento étnico, notadamente por parte dos negros, mesmo nessa escola com maior destaque para afrodescendentes.

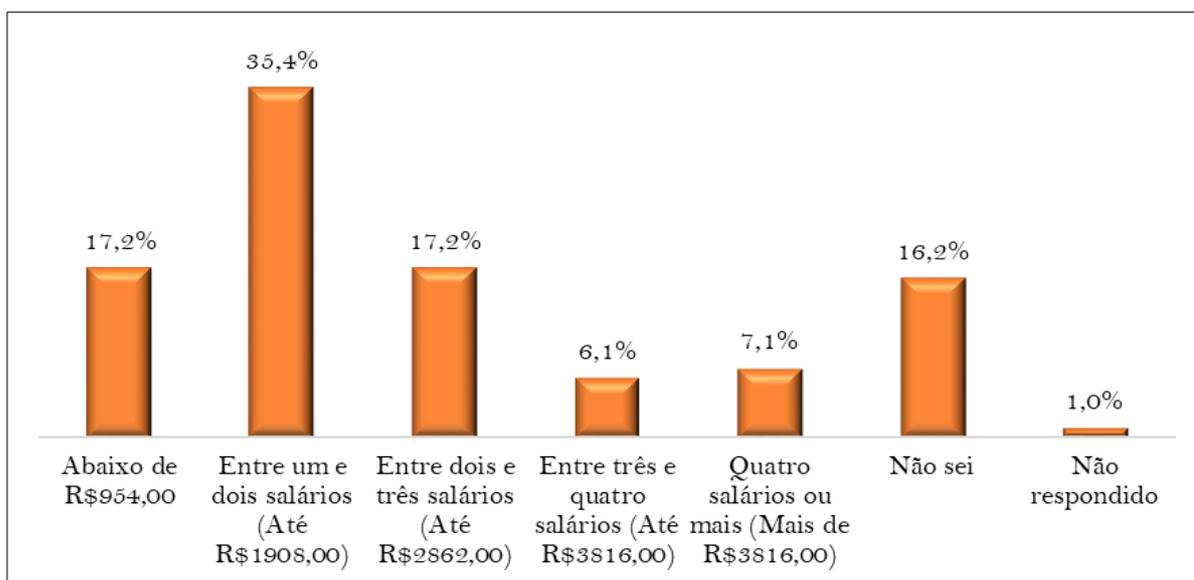
Guimarães (2012, p. 19) certifica que, apesar de à nível mundial o “povo” negro traçar “suas raízes remontando à África, nem sempre [...] reivindicou uma cultura própria, negra ou africana”, especialmente em nosso país onde sobressai a “ ‘cultura negra’, de origem africana”. Assistiu-se no processo histórico brasileiro forças ideológicas, políticas e econômicas que pautaram ou a exclusão ou a homogeneização das populações negras por meio de instrumentos institucionais e culturais de dominação. Com estigmas e dificuldades de acessos desses grupos às políticas públicas de saúde, de moradia ou da própria educação, ainda se verifica a presença de um “racismo institucionalizado” (CARMICHAEL; HAMILTON, 1967, p. 45-50), que converge em recusas pelos próprios grupos em reafirmarem sua identidade.

Ao analisar a auto identificação étnica por parte de estudantes de escolas públicas periféricas em São Paulo, Niemeyer (2015) detecta um processo similar de recusa étnica por parte de alunos negros. Percebe-se, assim, que frente a estruturas sociais e a práticas culturais fundamentadas pelo racismo, uma reação comum dos estudantes negros é: “Não reagir, não se posicionar, é anular-se como sujeito histórico” (NIEMEYER, 2015, p. 66), evitando serem alvos de mecanismos de objetificação e marginalização. Niemeyer (2015, p. 66-67) destaca a necessidade de as instituições de ensino reconhecerem esses processos e estabelecerem instrumentos de combate às práticas de ordem racista para evitar a formação de sujeitos mutilados e minorados.

Os discentes desse colégio da zona leste contam, eminentemente, com uma renda familiar de um a dois salários mínimos (35,4%). Os segundo e terceiro grupos mais representativos, com menos de um salário mínimo e entre dois e três salários, empataram (com 17,2% cada). Em quarto lugar, não souberam (16,2%). Por fim: 7,1% dispõem de renda familiar superior a quatro salários mínimos; 6,1% entre três e quatro salários mínimos e o restante não quis responder (1%). Esse quadro de renda é relativamente condizente com as características socioeconômicas do bairro e de seu entorno. Todavia, o que causa estranhamento é o alto

índice do grupo de estudantes que não sabem responder (situação que se repete nas demais escolas e com taxas ainda maiores), sugerindo seu afastamento nas decisões financeiras e/ou indiferença diante da condição econômica familiar, ou quiçá, impedimento de participação imposto pelos seus responsáveis.

Gráfico 1- Renda familiar na zona leste por salário mínimo.



Fonte: Banco de dados da pesquisa “Jovens em trânsito: novos desafios para o ensino de Sociologia” – 2018.

Quanto à divisão entre os que trabalham e os que não trabalham, constata-se que a maioria dos estudantes não trabalha, 61,6% deles, enquanto 38,4% estão na ativa. Embora essa não seja a escola com o maior índice de estudantes que trabalham, é a que apresenta a maior porcentagem de discentes-trabalhadores inseridos formalmente no mercado de trabalho: com 26,3% formais contra 18,2% em situação informal sem carteira de trabalho assinada. O restante, com surpreendentes 55,5%, não respondeu à pergunta, supostamente por não querer declarar a sua informalidade laboral ou por não entender a importância da carteira de trabalho em termos de direitos trabalhistas ou, não entender a questão. Tais índices apontam para um público, em grande medida, estudante-trabalhador, a despeito da maior parte ainda pertencer ao primeiro ano do Ensino Médio. Realidade que, certamente, impactará negativamente na formação escolar e profissional desses estudantes, podendo inclusive ser uma das causas da evasão escolar antes mesmo do terceiro ano do Ensino Médio.

Tradicionalmente, estamos inseridos em um “modelo cultural da sociedade industrial [que] se caracteriza pela centralidade da ética do trabalho” (BAJOIT; FRANSSEN, 2007, p. 92). Ao lado de uma estrutura socioeconômica que segrega os indivíduos em classes sociais,

implicando seja em postos de trabalhos subalternos ou em taxas de desemprego acentuadas, especialmente sobre a categoria juvenil, cuja trajetória é marcada pela falta de qualificação e de experiência profissional. *Pari passu* às situações de emprego-desemprego imputadas pelas constantes crises econômicas, os jovens são submetidos a mutações em suas referências culturais e, embora continuem tomando o trabalho como central para normatizar sua sociabilidade, conduzem distintos “modos de gestão de si”, tais como: emprego transitório, recusa do trabalho-alienação, trabalho-paixão, desemprego-desvalorização, desemprego postergado etc., como classificam os autores belgas Bajoit e Franssen (2007).

2 – Estudantes da zona sul: a hegemonia dos evangélicos

Na escola da zona sul, as idades dos estudantes se estendem um ano a mais do que na da zona leste, concentrando-se dos 15 aos 18 anos e com o seu cume etário nos 17 anos. São preponderantemente do sexo masculino, 57,6%, contra apenas 42,4% do sexo feminino, um índice atípico, já que, via de regra, verifica-se uma distribuição, praticamente, equânime entre ambos os sexos, inclinando-se ligeiramente para uma maioria feminina.

Acerca da etnia, há um predomínio de autodeclarados pardos, 58,8%, enquanto os negros representaram 18,8%, os brancos 15,3%, 4,7% responderam “não sei” e as demais somam aproximadamente 1% cada. Aqui avulta-se a segunda maior presença dos que se autodeclararam pardos e a menor de indígenas diante das demais regiões.

Quando comparada as outras áreas urbanas investigadas, a adesão à religião evangélica na região sul é a maior, com 45,9% dos alunos. A segunda posição incide sobre os católicos, 29,4%, seguidos por 20% de alunos “sem religião”. Novamente um número expressivo daqueles que declararam não ter religião. Essa alta adesão à religião evangélica reflete o cenário religioso em populações com menores condições socioeconômicas, verificado em nível nacional (ALMEIDA; MONTEIRO, 2001, p. 94-96). Com base nos dados consultados, observa-se ainda forte presença de instituições religiosas de vertente evangélica no bairro da escola, sendo 35 no total, e dentre todos os bairros de Uberlândia é o quinto com maior número de igrejas evangélicas (SILVA, 2018, p. 227).

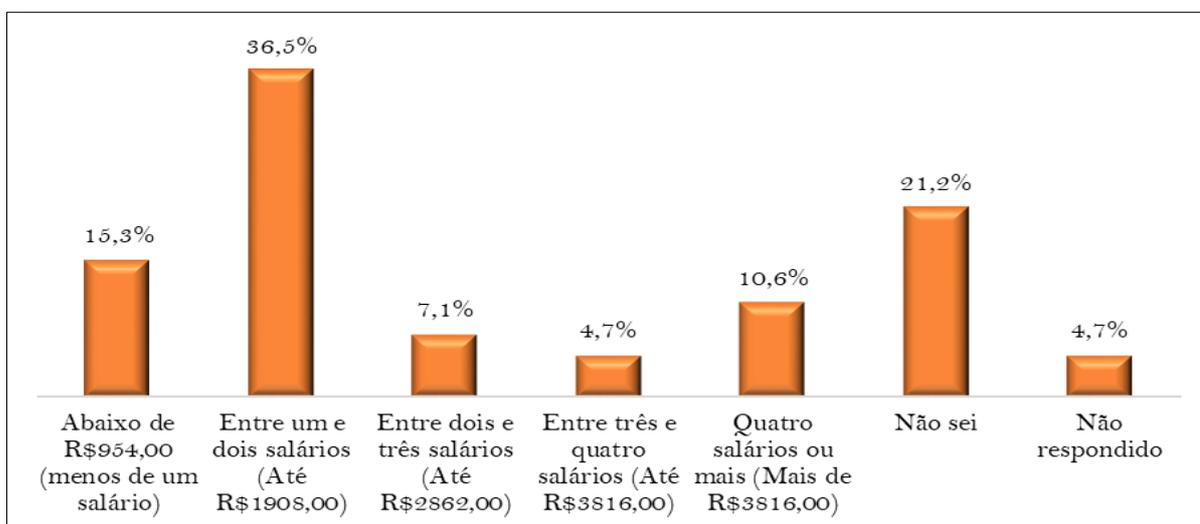
A distribuição nas demais religiões está bem aquém do binômio hegemônico evangelismo-catolicismo: 1,2% espírita [cerca de 1% abaixo da média nacional (IBGE, 2012)], um percentual tímido por se tratar de uma região com grande representatividade dos seguidores do kardecista Chico Xavier (Uberaba-MG), e 1,2% na umbanda ou no candomblé, embora quase 1% acima da média nacional (IBGE, 2012) ainda é exígua tendo em vista a

existência marcante de afrodescendentes e a força de suas tradições no país e em Uberlândia, onde sobressai a cultura do Congado. Vale notar que a prática religiosa e festiva do Congado, ao ocupar o espaço urbano da cidade, adentrando com seus tambores nas ruas, nas praças e na igreja católica de Uberlândia, suscita um efeito epidérmico do preconceito racial antes oculto pelas pessoas, que se incomodam e proferem discursos racistas contra os negros e seus costumes folclóricos (BRASILEIRO, 2019). Essa sociabilidade em conflito no espaço social pode levar muitos estudantes a não revelarem sua afiliação às matrizes religiosas afrodescendentes, assim como o fazem com sua etnia.

O percentual dos estudantes da zona sul que trabalham é de 34,1% contra 65,9% dos que não trabalham, em ambos há 4,3 pontos percentuais acima da escola anterior, revelando serem estudantes, em ambos os bairros, cujas condições socioeconômicas familiares demandam a ajuda laboral dos filhos.

No que tange à renda familiar dos estudantes dessa escola, a maioria enquadra-se na categoria cujos rendimentos familiares giram em torno de um e dois salários mínimos (36,5%). Em segundo lugar, está a renda familiar inferior a um salário mínimo (15,3%), seguido de “mais de quatro salários” (10,6%), na sequência entre dois e três salários (7,1%) e, por fim, entre três e quatro salários mínimos (4,7%).

Gráfico 2 - Renda familiar na zona sul por salário mínimo.



Fonte: Banco de dados da pesquisa “Jovens em trânsito: novos desafios para o ensino de Sociologia” – 2018.

Percebe-se, portanto, nessa escola um grau relativamente alto de estudantes cuja renda familiar é inferior à um salário mínimo, embora com cerca de 2% abaixo da escola da zona

leste. O que chama a atenção é a queda brusca no percentual da faixa de renda de dois a três salários mínimos, com 10,1% a menos do que na escola anterior e sem crescimento nas faixas seguintes de maior renda; sinalizando tratar-se de famílias mais vulneráveis economicamente.

3 – Estudantes da zona oeste: o equilíbrio das duas gigantes religiosas

A faixa etária dos alunos da escola da zona oeste também está entre 15 e 18 anos e com ápice nos 17 anos (37%). Na distribuição por sexo foi praticamente equânime, 47,8% mulheres e 50% homens; uma distribuição mais proporcional ao ser comparada com as duas escolas anteriores.

Desconsiderando a escola da região central, é nessa escola da zona oeste que figura a menor taxa de evangélicos e que empata com os católicos (30,4%), a única que apresenta paridade na adesão entre essas duas religiões, enquanto em todas as outras escolas fora do centro há mais evangélicos do que católicos. O que salta aos olhos aqui também é o destoante percentual dos declarados “sem religião” (23,9%), o maior índice na região da periferia. Dados do último Censo brasileiro (IBGE, 2012) mostram que os indivíduos “sem religião” em Minas Gerais atingem apenas 5% e nacionalmente 8,3%, com concentração entre pessoas do sexo masculino. Na última década, a população evangélica vem crescendo, principalmente, na periferia das regiões metropolitanas brasileiras, situação evidenciada em Uberlândia de modo ainda mais proeminente.

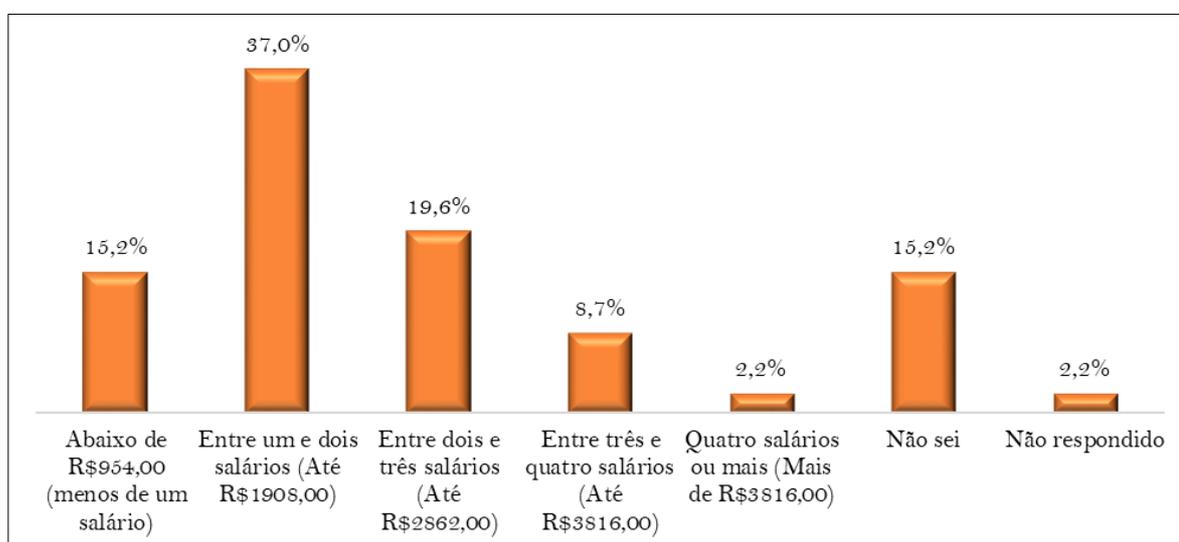
No que concerne à autodeclaração étnica, os pardos são majoritários, com 54,3%, os negros e os brancos representam, igualmente, 15,2%; única escola onde esse empate étnico ocorre. Do mesmo modo, é aqui onde se faz presente o maior índice de indígenas, com 6,5%, o que significa quase o dobro da média geral, por ser uma das etnias menos representativas nesta pesquisa trata-se de um aumento significativo.

Há na zona oeste outra discrepância em relação às demais regiões: a relação dos estudantes com o mundo do trabalho, trata-se da região com o menor número de estudantes que trabalham: 23,9% contra 35% da média de todas as regiões. No que se refere à situação de trabalho, 23,9% o fazem em condições formais e 6,5% encontram-se em situações informais de produção. Desse modo, mesmo tendo em vista o baixo número de estudantes-trabalhadores nessa região, chama-se atenção para o número reduzido de discentes em situações informais de trabalho, levando-nos a fazer autocrítica em nosso banco de dados. Essa escola é a única onde entrevistamos apenas estudantes que frequentam o turno matutino, o único existente na escola, o que, certamente, responde suas discrepâncias apontadas acima, a exemplo da situação

de labor na qual, em geral, quem trabalha estuda à noite; portanto, essa escola nos serve muito bem como grupo de controle para aferir as características das demais escolas periféricas.

Em relação à renda familiar, a maioria apresenta um rendimento entre um e dois salários mínimos (37%), seguidos por entre dois e três salários (19,6%), posteriormente vêm a faixa de menos de um salário mínimo (15,2%), em penúltimo lugar, entre três e quatro salários (8,7%) e, por fim, mais de quatro salários mínimos (2,2%). Em comparação com as demais escolas da periferia, essa é a escola com os maiores índices de renda entre um e quatro salários mínimos, todavia o menor índice na faixa de renda familiar superior a quatro salários mínimos, com apenas um quinto da média.

Gráfico 3 - Renda familiar na zona oeste por salário mínimo.



Fonte: Banco de dados da pesquisa “Jovens em trânsito: novos desafios para o ensino de Sociologia” – 2018.

4 – Estudantes da zona norte: a premência do trabalho sobre a escola

A distribuição entre sexos na região norte conta com uma maioria feminina: 57,1% contra 42% de homens, assemelhando-se à zona central; as duas regiões onde há maior concentração de mulheres no Ensino Médio. No que tange a configuração das faixas etárias dos discentes, há um predomínio entre 16 e 18 anos, com o cume nos 17 anos, assim como a maioria das demais escolas estudadas.

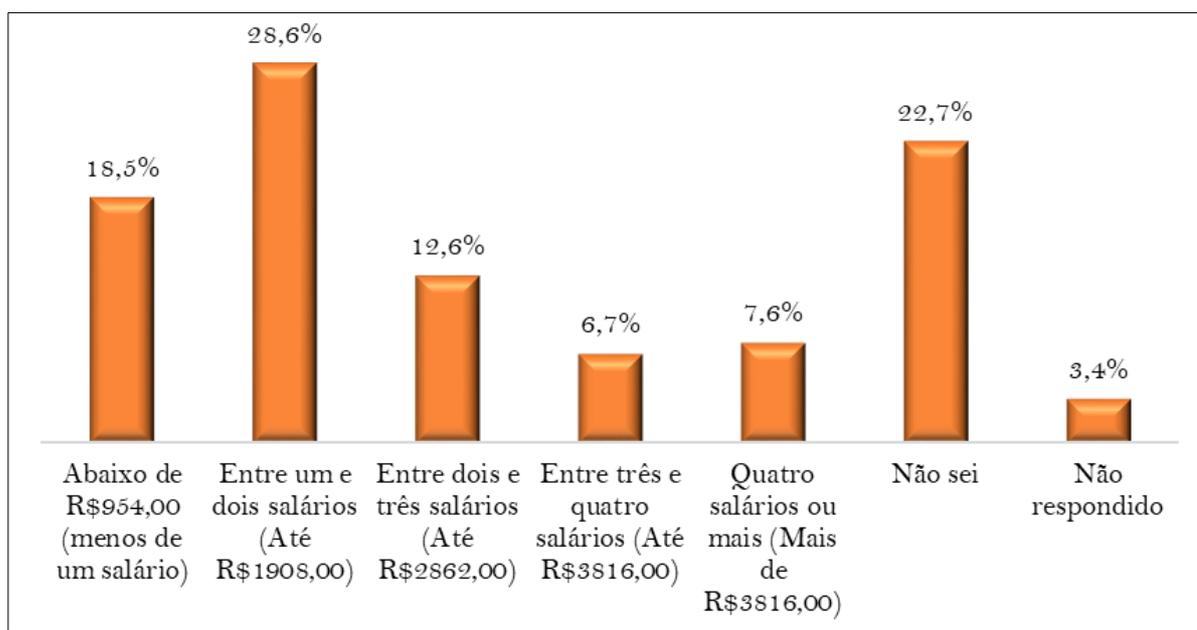
Em relação a sua composição religiosa, constata-se primazia entre os evangélicos (38,7%), adiante vêm os católicos (27,7%), em terceiro lugar os “sem religião” (19,3%) e, por

último, os espíritas (5,9%). É, portanto, na zona norte que se encontra o menor índice de católicos e o maior número de espíritas.

Na autoidentificação étnica, essa escola da região norte é composta, sobretudo, por estudantes pardos (50,4%), seguidos de brancos (22,7%), negros (16,8%) e indígenas (3,4%). De um modo geral, os três primeiros grupos étnicos são os mais representativos dentro de todas as regiões periféricas, sendo os pardos os mais numéricos, já entre os brancos e negros há oscilações conforme a região da periferia.

Na constituição das rendas familiares, verifica-se uma constante entre todas as escolas e que é reiterada na zona norte: predomínio de rendimentos entre um e dois salários mínimos, no caso dessa escola, esse índice é de 28,6%. Em seguida, vêm: renda familiar inferior a um salário mínimo (18,5%), entre dois e três salários mínimos (12,6%), entre três e quatro salários (6,7%) e mais de quatro salários (7,5%). Essa escola lidera a maior porcentagem de estudantes com rendimentos familiares abaixo de um salário mínimo, portanto, a faixa de renda mais precária.

Gráfico 4 - Renda familiar na zona norte por salário mínimo.



Fonte: Banco de dados da pesquisa “Jovens em trânsito: novos desafios para o ensino de Sociologia” – 2018.

Ao lado da precariedade de renda familiar, a escola da zona norte também é aquela com o maior número de estudantes-trabalhadores (45,4%), ou melhor de trabalhadores-estudantes nesse caso. Sabendo que a maioria deles trabalha em condições informais (28,6%), enquanto a menor parte o faz sob situações formais de contrato (25,2%), isso agrava ainda mais suas

condições de vida. É nessa escola que incide o maior índice de trabalho informal e a única na qual a informalidade supera a formalidade.

Constata-se, aqui, uma consequência contemporânea da chamada “subsunção do trabalho” (MARX, 1978, p. 56-57), que implica a dependência econômica efetiva da classe trabalhadora em relação ao capital, forçando-a à venda barata de sua força de trabalho que se configura como o único pressuposto possível para a reprodução de sua vida.

O mercado brasileiro contemporâneo, cujos postos de trabalho são precarizados e flexibilizados, não garante as condições básicas de reprodução da vida social (ALVES, 2011). A “classe-que-vive do trabalho” (ANTUNES, 1995) recorre, como visto especialmente no caso dos estudantes da zona norte da cidade de Uberlândia, à inserção da mão-de-obra familiar no mercado, preferencialmente a masculina, para complemento de renda. Essa origem social, que leva os estudantes-trabalhadores a terem de conferir primazia ao trabalho e em detrimento da escola, impacta diretamente sobre o seu aproveitamento no aprendizado e na continuidade nos estudos.

5 – Estudantes da zona central: *lócus* caucasiano, católico e de rendas superiores

Na última região da cidade, a zona central, prevalecem as mulheres: 58,8% contra 40,4% de homens, quase 9% acima da média das escolas dos demais bairros. No que tange à distribuição etária nessa região, os estudantes pesquisados concentram-se entre os 15 e 17 anos, com o pico de agrupamento também aos 17 anos de idade, como nas outras escolas.

As práticas religiosas dos discentes da escola central distribuem-se em: 38,6% de católicos, 26,3% “sem religião”, 21,9% evangélicos e 5,3% espíritas. Esses dados revelam que essa escola ocupa o ápice de estudantes católicos em comparação com as demais. É nessa região também que, pela primeira vez, os “sem religião” ocupam o segundo lugar, superando os evangélicos.

Essa presença marcante da não adesão religiosa dos discentes faz jus ao anúncio do que Novaes (2004) denomina, com aporte weberiano, de “ventos secularizantes”. Vale reiterar, todavia, que “sem religião” não remete à ateu, aliás, essa denominação, em geral, é bastante exígua. A pesquisa nacional realizada pelo Projeto Juventude/Instituto Cidadania, revela que entre os 10% de jovens “sem religião”, 9% acreditavam em Deus e apenas 1% se declarou ateu e agnóstico (NOVAES, 2004, p. 322).

Os dados dessa escola atuam como coadjuvantes no campo religioso observado no Brasil, embora com matizes mais acentuados. Novaes (2004, p. 321) destaca três principais mudanças nesse cenário: “a diminuição percentual de católicos (de 83,76% em 1991 para 73,77% em 2000), o crescimento dos evangélicos (de 9,05% em 1991 para 15,45% em 2000) e

o aumento dos ‘sem religião’ (de 4,8% em 1991 para 7,4% em 2000)”. Os dados do Censo de 2010 para o Brasil classificam grupos de 64,4% de católicos, 22,8% de evangélicos, apenas 8,3% de “sem religião”, 2,1% de espíritas, 0,3% para a umbanda e o candomblé. Seguindo esse mesmo recorte, para Minas Gerais tem-se a distribuição de 70,5% católicos, 20,2% evangélicos, 5% “sem religião”, 2,1% espíritas, 0,1% para a umbanda e o candomblé (IBGE, 2012). Portanto, comparando com o quadro geral delineado entre as escolas pesquisadas, estas atingem índices bem superiores para evangélicos e “sem religião” e bem mais baixos para católicos; não obstante, importa lembrar que a presente pesquisa está atualizada em uma década em relação ao Censo. Ademais, a amostra desta pesquisa é específica ao público estudantil jovem, o que, seguramente, provoca um recorte identitário peculiar diante do público geral. De acordo com o IBGE (2012), são os mais velhos que se mantêm católicos, já os mais jovens, com destaque para crianças e adolescentes, apresentam-se como evangélicos.

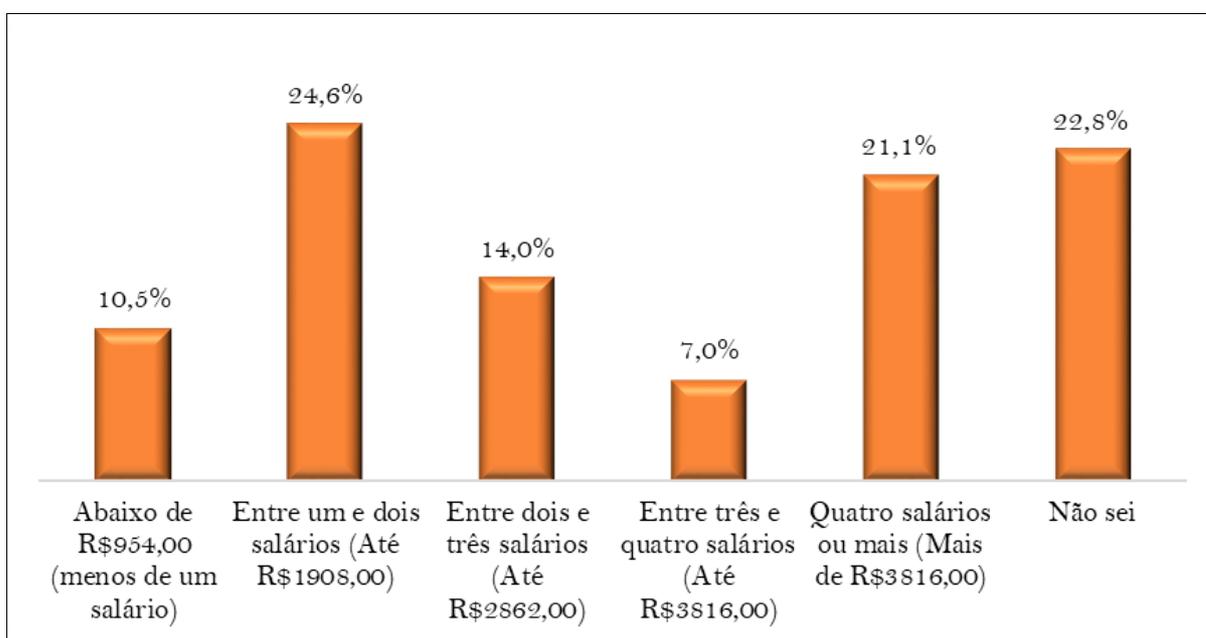
Em relação à distribuição étnica dessa escola da zona central, a maioria autodeclara-se branca (43%), em segundo lugar estão os pardos (36%), seguidos pelos negros (10,5%), enquanto 6,1% responderam não saber e os indígenas são 3,5%. Aqui concentra-se, portanto, o maior número de estudantes brancos em comparação às demais zonas analisadas, com um percentual quase duplicado, inclusive, é a primeira vez que brancos ultrapassam pardos. Trata-se ainda da escola com o menor número de discentes negros e pardos autodeclarados em comparação às demais amostras. Também vale ressaltar que é a escola central que apresenta o maior número de respostas categorizadas por “não sei” no tocante à auto identificação étnica, o que, eventualmente, poderia decorrer da recusa em assumir uma identidade étnica minoritária em um contexto majoritariamente caucasiano, e possivelmente marcado por preconceito racial.

Sabendo de antemão, tanto pela observação por contraste quanto pelo próprio depoimento do diretor da escola central acerca da maior presença de afrodescendentes à noite, recorreu-se ao cruzamento entre as variáveis etnia e turno escolar. Onde se constatou que no período da manhã há 49,3% de brancos/caucasianos, 35,8% de pardos, tão somente 7,5% de negros e 1,5% de indígena. Já no período noturno, há apenas 34% de brancos/caucasianos, 36,2% de pardos, 14,9% de negros e 6,4% de indígenas. Assim, verifica-se no período noturno uma queda importante em 15,3 pontos percentuais de brancos, aumento de 0,4 ponto percentual de pardos, acréscimo de 7,4 pontos percentuais de negros e a entrada de 4,9 pontos percentuais de indígenas. À noite, os negros praticamente dobraram em relação ao turno da manhã e os indígenas aumentaram em três vezes. Importa destacar que esta pesquisa se restringe aos alunos do Ensino Médio regular, não incluindo aqueles do EJA (Educação de

Jovens e Adultos), o que implica, certamente, contarmos aqui com uma estatística tímida diante da presença mais ampla de negros e indígenas no período noturno.

Outras peculiaridades nessa escola do bairro central da cidade são gritantes, especialmente no que concerne à renda familiar dos estudantes. É nessa escola central onde se encontra o maior índice de renda familiar alta, situada na quinta faixa, com mais de quatro salários mínimos, que perfaz 21,1%, contra a média de 6,9% nas demais escolas, lembrando que no caso específico da escola da zona oeste se conta tão somente com 2,2% nessa faixa de renda. Do mesmo modo, é nessa escola central que se constata o menor índice na faixa salarial mais baixa e precária, menos de um salário mínimo, assumindo 10,5%. Entretanto, assim como nas demais regiões, nessa escola da zona central também há maior concentração da renda familiar de seus estudantes na segunda faixa, entre um e dois salários mínimos, com 24,6% da amostra, apesar de ser o menor percentual incidente sobre a faixa dos mais pobres. Portanto, a escola central é configurada pela presença minorada dos mais pobres e majorada daqueles com os maiores salários.

Gráfico 5 - Renda familiar na zona central por salário mínimo.



Fonte: Banco de dados da pesquisa “Jovens em trânsito: novos desafios para o ensino de Sociologia” – 2018.

Pari passu à renda familiar está a participação dos estudantes no mercado de trabalho. Na escola central, 65,8% dos estudantes não exercem funções laborais no mercado, empatada com a escola da zona sul, ambas perdem apenas para a escola da zona oeste onde só foram entrevistados alunos do matutino. Entre os 33,3% dos estudantes dessa região central que

relatam estar inseridos no mercado de trabalho, 21,9% o fazem em condições formais e 14% em situações informais de labor, situação bem próxima da média geral da informalidade de 16%; portanto, muito embora a região central concentre melhores condições de renda familiar, a condição de trabalho informal dos estudantes é análoga àqueles da periferia.

Considerações finais

Para identificar características específicas dos perfis socioeconômicos e culturais dos discentes do Ensino Médio da rede pública de Uberlândia, em geral abstraídas de enquetes nacionais, os dados empíricos desta pesquisa local foram estratificados em escolas distribuídas por bairros das cinco regiões da cidade: norte, sul, leste e oeste, com caráter periférico, e a central.

Guardadas as oscilações internas às escolas das periferias, já assinaladas ao longo deste artigo, nos dois polos regionais desenham-se dois perfis bem distintos de alunos: Na periferia concentram-se: homens, mais velhos, pardos e negros, evangélicos, trabalhadores e com rendas familiares mais baixas. Já no centro da cidade estão, essencialmente, estudantes mulheres, com faixas etárias menores, de etnia branca, de religião católica, não trabalhadores e com rendas familiares mais elevadas.

Nesse sentido, ao se aferir os comportamentos dos indivíduos investigados diante das estruturas sociais, os dados da pesquisa revelam a existência de um *apartheid* na cidade, polarizada em: classes sociais, etnias, gêneros e afiliações religiosas. Essa heterogeneidade geográfica, socioeconômica e cultural dos estudantes impõe à atuação do docente da Educação Básica uma formação didático-metodológica multifacetada e dirigida às realidades locais.

O intuito em descortinar as relações da vida socio-escolar dos discentes conforme as diferentes regiões da cidade e os seus contextos sociais específicos, foi para dispor de uma radiografia concreta dos estudantes, podendo fornecer ao ambiente escolar referências capazes de indicar tanto as fragilidades quanto as potencialidades envolvidas na consolidação do Ensino Médio em Uberlândia.

Portanto, se é relevante para as Políticas Públicas considerar as regularidades e os padrões, indicados por pesquisas em nível nacional, que compõem o universo escolar dos jovens, é mister tanto para as matrizes educacionais quanto para as ações docentes dirigirem atenção especial às especificidades e às idiossincrasias escolares, sem estereotipar ou homogeneizar as relações diversas que constituem a categoria sociológica da juventude e dos discentes.

Referências

- ALMEIDA, R. de; MONTEIRO, P. Trânsito religioso no Brasil. *Perspectiva*, São Paulo, v.15, n. 3, p. 92-100, 2001. ISSN 1806-9452. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-88392001000300012&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 22 jun. 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-88392001000300012>.
- ALVES, G. *Trabalho e subjetividade: o espírito do toyotismo na era do capitalismo manipulatório*. São Paulo: Boitempo, 2011. 168 p.
- ANTUNES, R. *Adeus ao trabalho?* São Paulo: Cortez, 1995. 155 p.
- BAJOIT, G.; FRANSSEN, A. O trabalho, busca de sentido. In: FÁVERO, O.; SPÓSITO, M. P.; CARRANO, P.; NOVAES, R. R. (Org.). *Juventude e contemporaneidade*. Brasília: UNESCO/MEC/ANPED, 2007. p. 93-123. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=648-vol16juvcont-elet-pdf&Itemid=30192>. Acesso em: 22 jun. 2020.
- BOURDIEU, P. A escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura In: NOGUEIRA, M. A.; CATANI, A. (Org.). *Escritos de educação*. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2007, p. 39-64.
- BRASILEIRO, J. *O congado(a) e a permanência do racismo na cidade de Uberlândia-MG: resistência negra, identidades, memórias, vivências (1978-2018)*. 2019. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2019. 268 f. Disponível em: <<https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/24485>>. Acesso em: 22 jun. 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.14393/ufu.te.2019.609>.
- CARMICHAEL, S.; HAMILTON, C. V. *Poder negro: la política de liberación en Estados Unidos*. México: Siglo XXI, 1967. 186 p.
- CHARLOT, B. Relação com o saber e com a escola entre estudantes da periferia. *Cad. Pesq.*, São Paulo, n. 97, p. 47-63, maio 1996. ISSN: 1980-5314. Disponível em: <<http://publicacoes.fcc.org.br/ojs/index.php/cp/article/view/803>>. Acesso em: 22 jun. 2020.
- DAYRELL, J. Os significados da escola de Ensino Médio para os jovens alunos. *Revista Outro Olhar*, Belo Horizonte, Ano X, n. 7, p. 24-29, ago. 2011. Disponível em: <<http://observatoriodajuventude.ufmg.br/publication/view/os-significados-da-escola-de-ensino-medio-para-os-jovens-alunos/>>. Acesso em: 10 abr. 2020.
- DAYRELL, J.; REIS, J. Juventude e escola: reflexões sobre o ensino e Sociologia no Ensino Médio. In: OLIVEIRA, E.; PLANCHEREL, A. (Org.). *Leituras sobre Sociologia no Ensino Médio*. Maceió: EDUFAL, 2007. p. 111-134.
- DUBET, F. *El declive de la institución: profesiones, sujetos e individuos en la modernidad*. Barcelona: Gedisa, 2006. 480 p.
- GOODE, W.; HATT, P. K. *Métodos em pesquisa social*. São Paulo: Nacional, 1977. 488 p.

GUIMARÃES, A. S. A. *Preconceito racial: modos, temas e tempos*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2012. 144 p.

IBGE-Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Características gerais da população, religião e pessoas com deficiência*. Censo Demográfico 2010. Rio de Janeiro: IBGE, 2012. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/9662-censo-demografico-2010.html?edicao=9749&t=resultados>>. Acesso em: 27 abr. 2020.

MARX, K. *O capital capítulo VI inédito: resultados do processo de produção imediata*. São Paulo: Moraes, 1978. 150 p.

NIEMEYER, A. M. de. O silenciamento do “negro” na auto identificação étnica: um estudo com adolescentes de duas escolas públicas paulistanas. *Rua*, Campinas, v. 8, n. 1, p. 43-72, 2015. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rua/article/view/8640733>>. Acesso em: 22 jun. 2020. DOI: <https://doi.org/10.20396/rua.v8i1.8640733>.

NOVAES, R. Os jovens “sem religião”: ventos secularizantes, “espírito de época” e novos sincretismos. Notas preliminares. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 18, n. 52, p. 321-330, 2004. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/eav/article/view/10038>>. Acesso em: 22 jun. 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/s0103-40142004000300020>.

ORTIZ, R. Diversidade cultural e cosmopolitismo. *Lua Nova*, São Paulo, n. 47, p. 73-89, ago. 1999. ISSN: 0102-6445. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-64451999000200005&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 22 jun. 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/s0102-64451999000200005>.

PAIS, J. M. A construção sociológica da juventude: alguns contributos. *Análise Social*, Lisboa, vol. XXV, n. 105-106, p. 139-165, 1990. ISSN: 0003-2573 Disponível em: <<http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1223033657F3sBS8rp1Yj72MI3.pdf>>. Acesso em: 22 jun. 2020.

PAIS, J. M. *Ganchos, tachos e biscates: jovens, trabalho e futuro*. Lisboa: Âmbar, 2003. 330 p.

RICHARDSON, R. J. *Pesquisa social: métodos e técnicas*. São Paulo: Atlas, 1985. 168 p.

SILVA, J. F. da. O crescimento da população evangélica e suas implicações na cidade de Uberlândia – MG. 2018. Tese (Doutorado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal de Uberlândia, 2018. 284 f. Disponível em: <<https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/21493>>. Acesso em: 22 jun. 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.14393/ufu.te.2018.617>.